

Eugenia Scarzanella/Mônica Raisa Schpun

Introdução

A circulação de idéias e de pessoas entre a Europa e as Américas, entre o século XIX e os anos 1950, é o tema central deste livro. A abordagem oferecida é original, pois a atenção se concentra não em resultados, em conseqüências, mas sim nas formas em que se dá tal circulação. Trata-se aqui de traçar os contornos das redes de relações que se estabelecem entre intelectuais, escritores e artistas, mas também entre outros membros das elites de uma e outra margem do Atlântico, e mesmo entre pessoas que, se não fosse o contexto europeu crítico dos anos 1930-1940, não teriam de modo algum tecido outros fios dessa trama transatlântica.

A amizade, a admiração, a identificação, a cumplicidade, os interesses mais variados, sem esquecer a urgência, propiciam a criação de elos que chegam, em alguns casos, a compor uma “comunidade”. Marcadamente cosmopolitas, tais elos –e tal comunidade– são formados por homens e mulheres.

Focalizando os modos de constituição desta trama densa e variada de relações, os autores aqui presentes não foram escolhidos por acaso. Pois nossa preocupação foi também de reunir autores que testemunhassem desse cruzamento transoceânico, vindo de origens diversas e tendo por objetos de pesquisa personagens, contextos e espaços os mais variados possível. Quanto aos personagens, eles percorrem as Américas dos Estados Unidos à Argentina, passando pelo México, por Cuba, pelo Brasil e pelo Uruguai. Do outro lado do Oceano, eles têm suas raízes, deixam suas marcas e/ou entram em relação com seus interlocutores essencialmente na Espanha, na França, na Suíça e na Alemanha. Os percursos e as problemáticas que emergem deste emaranhado de cruzamentos permite que lancemos um olhar, ainda que inicial e incompleto, nas densas relações entre os dois continentes desde o século XIX, sobretudo em suas últimas décadas –quando a introdução dos vapores e das linhas transatlânticas regulares acelera e intensifica o trânsito de pessoas, informações e mercadorias– até meados do século XX, quando a Segunda guerra mundial freia brutalmen-

te tal intercâmbio provocando situações inusitadas, como veremos, onde relações se criam e se intensificam justamente graças ao contexto dramático em que se movem seus protagonistas. Entre as viagens iniciáticas dos artistas e as peregrinações das troupes, as trocas comerciais e os interesses financeiros, as alianças familiares e as ligações amorosas, mal ou bem-sucedidas, a correspondência e a amizade entre artistas e intelectuais, as migrações temporárias ou permanentes, mais ou menos livres, assistimos então à uma série de encontros e desencontros que, vistos de perto, sob a lupa das diversas abordagens aqui presentes, ajudam a recompor situações e contextos complexos, no mais das vezes atravessados pelos desníveis das relações desiguais entre Novo e Velho mundos.

E, através de tais movimentos, a ordem do gênero faz-se também notar, seja na construção dos diversos projetos biográficos, quanto na lógica das relações – amorosas, de parceria, de amizade, de admiração e aprendizagem.

Para o conjunto dos autores aqui reunidos, importa redesenhar as trajetórias biográficas dos protagonistas em questão, destrinchar os nós entre as relações profissionais e pessoais que ligam uns e outros, e identificar o papel determinante exercido pelo gênero nos encontros, projetos coletivos e debates que atravessam e marcam tais trajetórias e tais relações.

Não estamos no quadro de uma história das idéias, mas num registro mais próximo ao da história das mentalidades, já que os diversos estudos de caso que apresentamos a seguir tentam situar-se na confluência entre idéias, sentimentos, afetos, contextualizando e circunscrevendo as posições e trajetórias dos atores escolhidos no sentido de traçar com fineza os contornos das relações em que se inserem e que os transportam a outras paragens. Os casos estudados trazem à luz, e graças à natureza das fontes utilizadas, a importância das emoções. A desconfiança da historiografia tradicional em defrontar-se com os aspectos não racionais da história, de incluí-los às variantes explicativas, está ausente: amizades, afetos familiares, amores, desejos –satisfeitos ou frustrados–, rivalidades, ambições participam aqui, plenamente, das tramas descritas.

Os três primeiros artigos do volume mostram como a transferência das idéias não é um processo linear e unidirecional mas um mecanis-

mo complexo no qual entram em jogo informações, símbolos, preconceitos.

Katrin Hoffmann estuda a correspondência (1865-1881) entre a norte-americana Mary Mann (viúva de Horace Mann) e o argentino Domingo F. Sarmiento. A pedagogia moderna e a instrução pública –além do papel das mulheres no ensino– são os temas centrais dessa troca epistolar. Aqui, como em outros textos, torna-se evidente como o confronto intelectual entre a Europa e a América do Sul, ao qual serve de ponte, nessa ocasião, a América do Norte, versa sobre uma dupla necessidade. Por um lado, procura-se adaptar as experiências européias ao contexto americano e, por outro, valorizar as oportunidades oferecidas por um Novo mundo mais jovem e dinâmico, no sentido de melhorar e renovar as propostas do Velho.

No artigo de Carmen Ramos Escandón encontramos essa mesma preocupação de modular o pensamento ocidental às necessidades e especificidades do contexto americano, e a tensão entre modelos universalistas e a práxis local. Aqui, um intelectual mexicano, Genaro García, dialoga com a cultura européia (John Stuart Mill e Herbert Spencer) sobre a “questão feminina”. Para ele, a instituição de um direito matrimonial, como para Domingo Sarmiento a da instrução pública, constitui-se num elemento fundamental para a construção de uma nação liberal na América, a partir da experiência e dos modelos europeus. O confronto de Genaro García com a Europa não se dá através de trocas epistolares ou encontros pessoais, mas sim entre os livros, no isolamento da sua biblioteca. Trata-se, para ele, de uma janela que se abre não somente à cultura clássica e contemporânea européia, mas também à produção literária e jornalística feminina mexicana. O papel das bibliotecas privadas também encontra-se evidenciado no artigo de Sandra Carreras. Estas constituem, através de migrações sucessivas de fundos, graças a doações ou aquisições, um núcleo de irradiação de culturas de países distantes, e mantêm viva, com o passar do tempo, a troca entre os continentes.

Para que o diálogo possa ocorrer através dos livros, das cartas e dos encontros, é necessário que os interlocutores sejam capazes de se entender, que disponham do conhecimento das respectivas línguas. Contudo, a comunicação não é sempre fácil e a possibilidade de desentendimentos está sempre presente. A nível mais geral, o fato que a documentação seja, hoje, disponível em diversas línguas, dispersa

entre arquivos e bibliotecas de vários países incide sobre a possibilidade de reconstruir uma história dos intelectuais que supere as fronteiras nacionais. Sandra Carreras enfrenta estes temas em relação à correspondência mantida, de 1920 a 1936, entre, de um lado, o argentino Ernesto Quesada e sua mulher Leonore Deiters (jornalista e escritora de Colônia) e, de outro, Oswald Spengler.

Na relação entre Ernesto Quesada e Leonore Deiters, como naquela entre Domingo Sarmiento e Mary Mann, impõe-se com força uma nova configuração das relações homem-mulher que vem se consolidando no século XX – e que não por acaso está no centro das preocupações de Genaro García e dos seus escritos sobre o matrimônio.

Mary Mann e Leonore Deiters colocam-se em pé de igualdade com seus interlocutores masculinos. A correspondência foi, desde o final do século XVIII, um instrumento central do processo de progressiva legitimação da participação das mulheres no debate público, político e cultural. Agora, porém, as duas mulheres em questão reivindicam um papel de intelectuais profissionais. A continuidade com o passado faz-se presente no cruzamento entre cultura e natureza, razão e sentimentos. Assim, Mary Mann encontra sua legitimidade no papel de viúva, enquanto continuadora da obra do marido Horace, e assume ao mesmo tempo a metáfora da relação mãe-filho na sua correspondência com Sarmiento. Leonore Deiters, por seu lado, aceita o pedido de Ernesto Quesada de fazer, também, da troca intelectual que mantêm, uma relação amorosa. Respondendo a um homem que se diz só entre os volumes de sua biblioteca, ela viaja para a Argentina a fim de esposá-lo.

Neste sentido, o diálogo intelectual de Mary Mann com Domingo Sarmiento e de Leonore Deiters com Ernesto Quesada e Oswald Spengler deve, ao mesmo tempo, superar os limites culturais e de gênero, e encontrar as estratégias justas para tornar-se aceitável à sensibilidade e aos preconceitos do seu tempo. Vale lembrar que os documentos epistolares não são, de fato, um patrimônio pessoal, destinando-se, ao contrário, a circular entre outros intelectuais no âmbito de uma rede profissional e de amigos. E, muitas vezes, já são escritos tendo em vista sua futura publicação.

Os casais trazidos por Sergio Miceli aproximam as elites brasileiras e argentinas do início do século XX, inclusive quanto à centralidade da França e de Paris para ambas. Os dois protagonistas são, aqui, o escritor argentino Ricardo Güiraldes e a pintora brasileira Tarsila do

Amaral cujos itinerários, que não se cruzam, apresentam inúmeras semelhanças. Carregados de sobredeterminações históricas que os aproximam, tais itinerários iluminam as posições, as estratégias, o imaginário e os valores dos grupos de pertença respectivos, as elites agro-exportadoras dos dois países – e sua fração artística. As semelhanças aparecem tanto nos meandros da vida privada, com os casamentos feitos por ambos, quanto na evolução e na gestão das carreiras artísticas, para as quais a França pesa de modo central.

Condição *sine qua non*, na época, para a formação de um artista, as viagens a Paris estão ligadas, no caso de ambos os protagonistas, à tradição destas famílias abastadas, de permanecerem na cidade luz por longas temporadas. Buscando inspiração e formação artística, além de experiências mundanas, tanto Tarsila do Amaral, quanto Ricardo Güiraldes encontrarão ali seus mestres, protetores e/ou interlocutores privilegiados (Fernand Léger, no caso da pintora brasileira, Valérie Larbaud, no caso do escritor argentino).

Nesta trama, a posições desvantajosas em meio à fratria, como no caso de Ricardo Güiraldes –segundo filho, com a saúde frágil– e de Tarsila do Amaral –única filha, com o primeiro casamento anulado–, soma-se uma desigualdade maior, a das relações assimétricas entre as elites periféricas em questão e suas equivalentes francesas. Com efeito, nas relações mantidas pelos dois protagonistas com seus respectivos mestres, amigos e/ou protetores franceses, os dois pratos da balança não se nivelam, tanto quanto as duas margens do Atlântico.

Rosalie Sitman também escolheu como protagonista para sua contribuição uma filha das antigas elites argentinas, Victoria Ocampo, alfabetizada em francês e inglês antes de aprender as primeiras letras em espanhol, por causa das longas estadas da família na Europa, e principalmente em Paris, e das preceptoras européias empregadas pelos pais para cuidarem da educação esmerada das filhas. Seu amor pela França, principalmente por sua literatura, foi precoce. Mas tal ligação terá conseqüências realmente decisivas na viagem que realiza a Paris já após um primeiro casamento fracassado, em 1929. Muito próxima do caráter iniciático das viagens dos artistas de sua geração, esta estada abre para Victoria Ocampo o mundo das letras francesas e permite-lhe otimizar os trunfos advindos da formação familiar que recebera: o domínio da língua, a familiaridade com o mundo letrado, as facilidades mundanas em estabelecer relações. Nasce daí seu proje-

to maior, cuja realização a posição social herdada coloca ao seu alcance: a revista *Sur*, que financia, enquanto mecenas, mas também leva adiante do ponto de vista editorial e jornalístico, graças sua circulação facilitada nos meios artístico e intelectuais de seu país e, sobretudo, da França.

Se as relações com a França e os autores franceses é inegavelmente desigual, com nos mostra Sergio Miceli, a Ocupação alemã e o contexto dramático da primeira metade dos anos quarenta na França vai re-equilibrar a balança. De fato, intelectuais, artistas e escritores franceses em visita à América latina acabam ali retidos por vários anos por causa do armistício assinado por Petain. E outros, colocados em situação extremamente difícil na França, acabam se servindo de redes de relações que os ligavam a esses países. Victoria Ocampo se mobiliza imediatamente de diversas maneiras para socorrer e apoiar coletiva e individualmente seus amigos e conhecidos franceses. E faz de *Sur* um veículo de comunicação, expressão e trocas cujo conteúdo literário acaba sendo fortemente tingido com colorações políticas insuspeitadas inicialmente.

Dentre os artistas franceses que passam os anos da Ocupação na América Latina está Louis Jouvet, cuja presença no Brasil, onde passou, com sua troupe, grande parte daqueles anos, foi elemento fundamental para a emergência do teatro moderno brasileiro. Recompondo o panorama teatral brasileiro da época, com presença de outros profissionais europeus –na maioria imigrantes definitivos– Heloísa Pontes focaliza as relações de Louis Jouvet com o país: de um lado, sua percepção dos profissionais e do público brasileiro e, de outro, a recepção e o impacto local dos espetáculos que ali montou. Diferentemente da construção de mão dupla traçada por Rosalie Sitman, entre os dois continentes, Heloísa Pontes aposta nas persistências das relações desiguais entre o francês Jouvet, cuja longa estada na América Latina, e sobretudo no Brasil, não chegou a transformar-se em instalação permanente, e seus interlocutores locais. Se Jouvet encontra no Brasil um espaço de liberdade inexistente na França e na Europa daqueles anos, mergulhadas no abismo da guerra e da barbárie nazista, um espaço onde pode exercer em paz e com autonomia seu trabalho teatral, isso não transforma de modo algum os olhares recíprocos, hierarquizados, entre o grande diretor francês e o modesto meio teatral brasileiro em formação. Estas relações de poder entre centro e perife-

ria são atravessadas, aqui, pelas relações de poder que estruturam a ordem do gênero. Heloísa Pontes mostra como, no mundo teatral brasileiro, as mulheres terão de esperar ainda vários anos antes de poderem ocupar a posição de diretoras e autoras. Na primeira metade do século, quando exerceram este papel, não puderam tê-lo reconhecido, sendo chamadas de repetidoras, e não de diretoras. A única possibilidade que tinham de construir uma carreira de prestígio nos palcos era no papel de atrizes, e neste alguns nomes femininos se destacaram efetivamente. Um deles, fundamental naquele momento de emergência de um teatro moderno, foi o da francesa Henriette Morineau que participou de uma parte da *tournee* de Jouvet pelo Brasil e ali deixou sua marca junto a algumas grandes atrizes nacionais. Mas se Henriette Morineau, com seu sotaque francês, pôde subir nos palcos brasileiros e encenar em português, tal não foi a sorte da brasileira Aimée Clarisse que, falando francês fluentemente, só teve acesso a papéis de figurante na companhia de Jouvet. Para este, seu sotaque era uma barreira intransponível para encenar textos franceses.

A França também exercera forte atração sobre a família da cubana Condessa de Merlin (1789-1852), bem antes de ter atraído Tarsila do Amaral, Victoria Ocampo e outras artistas e intelectuais das elites latino-americanas que ali encontraram um ambiente de liberdade, muitas vezes absorvido às pressas. Ulrike Schmieder nos transporta, assim, ao contexto das elites cubanas do século XIX e a essa família que, vivendo em Madrid, liga-se aos círculos filo-franceses. É assim que Maria de las Mercedes Santa Cruz e Montalvo casa-se com um general de Bonaparte, Christophe-Antoine Merlin (1771-1839). *Salonnière* de destaque, a Condessa de Merlin recebe, em Paris (depois de ter deixado Madrid às pressas com as tropas napoleônicas), nomes como Victor Hugo, Lamartine, George Sand, Balzac, Chopin e Rossini. Autora de vários livros, viveu fora dos padrões de comportamento das mulheres das elites cubanas – que voltou a encontrar quando retornou temporariamente ao país, viúva, três décadas após sua partida. Porém, seu descompasso com a mentalidade das elites locais não pára aí: escrevendo sobre vários assuntos, inclusive a política, foi acusada de cosmopolitismo por ter escolhido o francês como língua de expressão escrita. E suas opiniões também encontraram fortes resistências junto às elites locais, tendo defendido não somente o estatuto colonial da ilha quanto, contra as correntes abolicionistas então atuando

tes, a manutenção da escravidão. Tampouco na França, pelas idéias que defendeu, pôde encontrar grande repercussão para seus escritos junto aos meios que freqüentou. Entre dois mundos, mesclando liberalismo e conservantismo, foi privada pelo irmão do seu quinhão da herança familiar e morreu na pobreza.

Nem todas as histórias de mulheres e famílias vivendo entre as duas margens do Atlântico têm o final infeliz que sofreu a Condessa de Merlin. Em 1832, o suiço-alemão Georg Leuzinger instala-se no Rio de Janeiro e inicia ali seu negócio de tipógrafo, editor, gravurista e fotógrafo. Desde então, os descendentes da família, por razões familiares e profissionais, atravessaram o Atlântico de um lado a outro para estudar, casar, comercializar. Fincando seus pés nos dois continentes, a empresa familiar descatou-se em ambos os lados do Atlântico e, graças ao trânsito freqüente de gravuras e fotografias, equipamentos e técnicos, num sentido e noutro, a família circulava com facilidade tanto na Europa –especialmente na Suiça, na França e na Alemanha–, quanto no Brasil. Empreendedores e progressistas no que se refere aos negócios aos quais se dedicaram, mantiveram, no interior da família, padrões de comportamento próprios do meio social de pertença, qual seja, de empreendedores com fortes ligações com a Europa no que se refere ao modo de educar os filhos e às relações intra-familiares. Assim, muitas mulheres da família receberam formação que lhes permitiu, quando necessário, exercerem a profissão de educadoras, e algumas tiveram suas próprias escolas, como uma das filhas Leuzinger, Eugénie, quando encontrou-se viúva com sete filhos sob sua responsabilidade. Em sua correspondência, Eugénie exprime o caráter anti-natural que tinha, para ela, o exercício profissional, o contato com a esfera pública, aquela mesma que tanto seduziu outras mulheres antes mencionadas.

Os artigos de Eugenia Scarzanella e Mônica Raisal Schpun enfrentam de novo o nexu entre público e privado no âmbito da troca cultural.

Em ambos os casos, a pesquisa concentra-se numa amizade entre duas mulheres e, ao mesmo tempo, numa rede de relações que, a partir desta amizade, liga várias pessoas para além das fronteiras políticas e ideológicas do tempo.

Tanto a história narrada por Eugenia Scarzanella, quanto aquela reconstruída por Mônica Raisal Schpun estão ligadas ao drama das

perseguições e do exílio. A comunidade cosmopolita dos intelectuais deve confrontar-se com conflitos que separam nações e famílias políticas (em parte, isso já ocorrera com a Primeira Guerra Mundial, como nos lembra Sandra Carreras, em seu texto, a propósito dos sentimentos anti-germânicos da opinião pública argentina). Paradoxalmente, o fechamento das fronteiras para a demanda cada vez mais pressante dos judeus alemães e austríacos em busca de asilo reforça sobremaneira o papel de funcionários trabalhando nas representações diplomáticas estrangeiras nos territórios do Reich e aproximam pessoas que, de outro modo, nunca teriam tido qualquer contato.

A espanhola Clara Campoamor abandona a Espanha de 1936 para procurar refúgio no Rio de Janeiro, junto à amiga e companheira de batalhas feministas Paulina Luisi.

Maria Margarethe Bretel Levy, judia nascida em Hamburgo, obtém, em 1938, graças à brasileira Aracy Moebius de Carvalho Tess, que trabalha no consulado brasileiro daquela cidade, um visto de entrada para o Brasil, salvando-se assim das perseguições nazistas.

As fontes utilizadas pelas autoras são diferentes: um conjunto de cartas no caso de Clara Campoamor, e entrevistas, recortes de jornais e antigas agendas no caso de Margarethe Bretel Levy. Ambos os conjuntos de fontes privilegiam a dimensão privada das relações. Não por acaso, diferentemente dos artigos precedentes, aqui entram em jogo questões relativas à imagem física das interlocutoras e às necessidades materiais destas. Fala-se de medo e de coragem, de honestidade e de traição.

Clara Campoamor e Paulina Luisi compartilham, no início da relação que as liga, valores comuns (o feminismo), mas dividem-se quanto ao julgamento político que fazem da guerra civil espanhola, destruindo assim a amizade que as unia. Aracy de Carvalho e Margarethe Levy, ao contrário, fazem parte, inicialmente, de dois universos culturais distantes: ainda que tenham uma língua em comum, pertencem a países e a religiões diversas, e não compartilham um ideal político. Entretanto, consolidarão, também graças a redes familiares e de amigos no Brasil e na Alemanha, uma relação afetiva nas circunstâncias excepcionais dos anos trinta.

As relações de amizade, amor, solidariedade e colaboração intelectual e política, descritas nos artigos deste volume, nos trazem conjunturas particulares, em diversos momentos da história da Europa e

das Américas. A necessidade do encontro e da troca nasce ou implica, de fato, projetos reformadores e de modernização política e cultural ou da urgência de crises e conflitos. Nestas circunstâncias, é mais forte a necessidade de superar fronteiras, de encontrar interlocutores que ofereçam, de longe, ajuda, apoio, reconhecimento. A rede dos intelectuais cosmopolitas cerra-se quando colocada diante de dificuldades ou da urgência de propor mudanças radicais na sociedade.

Eugenia Scarzanella
Mônica Raisal Schpun